

Texto 1

Pelas vias do imaginário

Antes de apresentar a composição deste livro, cumpre historiar sua trajetória. Em 2008, após um semestre de estudos voltados para a conceituação da imagem, do símbolo e do mito, em encontros quinzenais com alunos de Graduação e de Mestrado, buscando a consolidação de um grupo de pesquisa, as professoras Enivalda Nunes Freitas e Souza, do Instituto de Letras e Linguística, e Irley Margarete Cruz Machado, da Faculdade de Artes Cênicas, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), registram no CNPq o POEIMA – Grupo de Pesquisa Poéticas e Imaginário. Seguindo sua inclinação interdisciplinar, o POEIMA passa a contar com a contribuição da professora Maria Lúcia Castilho Romera e seus respectivos alunos, do Instituto de Psicologia. Em 2009, o grupo ganha a participação do professor José Benedito de Almeida Júnior, da Faculdade de Filosofia, e cadastra novas integrantes: as professoras Elzimar Fernanda Nunes Ribeiro e Kenia Maria de Almeida Pereira, ambas do Instituto de Letras e Linguística. Assim, a persistência entusiasmada de líderes e integrantes inscrevem o POEIMA como grupo decisivo na linha de pesquisa Texto literário: cultura e representação, do Mestrado em Teoria Literária da UFU, estreitando os vínculos da Pós-Graduação com a Graduação.

A constituição de Grupos de Pesquisa, sejam eles multidisciplinares e/ou interinstitucionais, é uma recomendação da CAPES e tem a função de fortalecer linhas de pesquisa, sedimentando contribuição teórica dos professores em suas áreas acadêmicas. É por meio de um grupo de pesquisa que alunos de Iniciação Científica e de Mestrado recebem contribuições para seus projetos, uma vez que os encontros do grupo, marcados permanentemente pelo caráter investigativo, enfocam e aprofundam temas de interesse comum. Isso tem levado a resultados muito positivos, sobretudo no que se refere à produção bibliográfica resultante dos estudos de grupo. Artigos, capítulos de livros e organização de obras podem ser conferidos como resultados de trabalho do POEIMA, como é o caso deste livro, que conta, ainda, com a inestimável contribuição das pesquisadoras Maria Esther Maciel (FALE/UFMG), Maria Zaira Turchi (UFG) e Vera Maria Tietzmann Silva (UFG).

No segundo semestre do ano de 2008, o POEIMA elege como tema o estudo das tragédias gregas, considerando que o conhecimento do mito e dos arquétipos é de

suma importância para a crítica do imaginário e do método mitocrítico, procedimento que orienta as pesquisas do grupo e que pode ser verificado nos trabalhos aqui coligidos. Em 2009, as reflexões recaem sobre o mito de Narciso e o arquétipo da Sombra, com seus muitos desdobramentos, como o medo, o horrendo, o diabólico, o grotesco, o Deus cruel, a infância oprimida. Pode-se dizer que, contrariando o mito, com Narciso, os freudianos do grupo saciaram a alma; com os arquétipos do medo, os junguianos despertaram as sombras, confirmando o mito. Ao final de cada ciclo, o POEIMA tinha a certeza de que se edificava sobre um trabalho prazeroso e de qualidade.

A publicação deste livro, resultado das atividades do POEIMA, não teria sido possível sem a generosidade da pesquisadora do imaginário Maria Zaira Turchi, que, nos idos de 2002, vinda de um estágio em Grenoble – centro de referência de estudos do imaginário fundado por Gilbert Durand – recebeu em Goiânia as organizadoras deste livro. Durante vários encontros, enquanto explanava as ideias de Gaston Bachelard, a pesquisadora ia introduzindo a monumental obra do antropólogo francês. Posteriormente, o livro da pesquisadora, *Literatura e antropologia do imaginário*, publicado pela Editora da UnB, tornar-se-ia bibliografia indispensável nas dissertações, teses e estudos orientados pela crítica do imaginário. Por esta razão, que implica reconhecimento afetivo e acadêmico, a professora Maria Zaira Turchi não poderia deixar de integrar a lista de autores deste livro.

Os ensaios que compõem esta obra trabalham a construção de um espaço psíquico pelo confronto com os reflexos, pelo mito de Narciso, e também o enfrentamento dos aspectos e espaços sombrios da alma, quando a degradação e o pavoroso, expulsados de nós mesmos, ressurgem em duplos, orgias, seres híbridos, imagens bestiais, nictomórficas, necrológicas. Seguindo de modo aproximado essas tendências temáticas, é que os ensaios se agruparam em duas seções: Reflexos e Sombras.

REFLEXOS

No ensaio “Narciso ou o amante de si mesmo”, o professor de filosofia José Benedito de Almeida Júnior apresenta o enredo da peça *Narciso ou o amante de si mesmo*, escrita por Jean-Jacques Rousseau aos dezoito anos de idade, analisando a articulação dos seus diferentes temas com outras obras de Rousseau, especialmente

o Discurso sobre as ciências e as artes. Estas obras ligam-se à peça de teatro, quando Rousseau acrescenta-lhe um prefácio na ocasião de sua publicação, com o objetivo de encerrar os debates em torno do seu primeiro Discurso. Este artigo ainda aborda como a peça de teatro Narciso adiantava alguns temas que mais tarde seriam desenvolvidos pelo autor, dentre eles, o problema das máscaras e da transparência. Como destacado por Rousseau, tudo fica recoberto por máscaras: o solo pelas cidades, a alma pela educação e, para encurtar uma série quase infinita de opostos, o rosto pela maquiagem. Como retirar o véu e ver o que há de mais puro e original? Se na peça, o filósofo francês descreve os costumes nos modos dos jovens urbanos, no artigo sobre a peça, o professor ensaísta salienta as diversas máscaras mencionadas por Rousseau: as máscaras dos gestos, das palavras, do rosto, do tom de voz. O retrato de Valère, assim, é um símbolo dessas máscaras que recobrem o rosto, pois, ao encobrir as feições, o retrato impede a denúncia do caráter e do sentimento humano.

O ensaio seguinte, “Deus: tecelão e tecido da obra hilstiana”, de Kamilla Kristina Sousa França Coelho, é um recorte de sua dissertação de mestrado, em que, amparada pela mitocrítica, investiga a construção imagética do deus cristão na obra poética de Hilda Hilst. Para entender a elaboração do arquétipo divino, Kamilla recorre às teorias de Carl Gustav Jung, Gaston Bachelard, Mircea Eliade e Gilbert Durand, estudiosos que investigaram a representação do sagrado em várias culturas e obras artísticas. A análise dos poemas revela que a divindade se configura de forma ambígua e dupla nos poemas hilstianos, assim como a poeta se sente, ela mesma, confusa e inexplicável. O corpus analisado é constituído basicamente por Poemas malditos, gozosos e devotos, livro em que todos os 21 poemas se voltam para o sagrado em imagens que figuram Deus como o imprudente menino, o quase sempre assassino, passarinho, Pai, filho. Deus, apresentado em pontos dúbios da personalidade divina, é o inconsequente, o devorador, o animal que se alimenta do sangue humano, o carente e solitário ser divino que se isola no céu. Essa entidade ambígua exige que o homem também se transforme num ser híbrido, e é assim que a simbologia animal, como a do touro e a do cavalo, ganha predominância, engendrando um deus terrível, pronto para matar e exigir sacrifícios. Contudo, ao contemplar a deidade, o eu-lírico se vê. Há cumplicidade e semelhança entre criador e criatura. O conhecimento de uma é o revelar do outro.

É ainda sobre a notável poeta Hilda Hilst que recai o exame de Karyne Pimenta de Moura, no ensaio “Hilda Hilst e o olhar tenebroso de Narciso em imagens bestiais”, que, como o título indica, retoma o mito recolhido por Ovídio, que se sustenta no tripé “olhar, enganar-se e perecer”, elementos do arquétipo do debruçar-se sobre si mesmo. No mito, Narciso se encanta diante da perfeição da própria imagem e define-a aos poucos. Diante do amor que sente por si mesmo, Narciso jamais alcançará a unidade com essa imagem refletida, passível apenas de busca e contemplação, pois sua imagem fugidia é cópia da original, daí sua impossibilidade de retribuir ao desejo de Narciso. Refletindo a preocupação com o desejo e o duplo, tema de mitos e reflexões fundantes de várias culturas, em Hilda Hilst, a busca de realizações do sujeito-lírico, sobretudo a realização erótica, passará pelo confronto com o vazio, o duplo, o reflexo e a solidão. Assim, para a análise dessas dimensões, associando a elas as releituras míticas, a autora lança mão das ideias de Freud, das reflexões da semióloga e psicanalista Julia Kristeva, bem como dos estudos de Junito Brandão. Em sintonia com essa vertente, Karyne perscruta o entrelaçamento do erotismo com a animalidade feito pela poeta. Com sensibilidade e agudeza, o ensaio de Maria Zaira Turchi, “Os caminhos do Ínvio lado, de Darcy França Denófrio”, examina, pela via do imaginário, a obra Ínvio lado, de autoria de Darcy Denófrio, que como poeta e também como ensaísta revela significativo apreço aos grandes mitos e arquétipos. Tomando como base o título Ínvio lado, a pesquisadora Maria Zaira investiga, na obra poética examinada, a inserção do imaginário na caminhada humana. Obrigado a abrir novos caminhos, o homem passa a trilhar o caminho “ínvio”, o do mistério. Referindo-se à mitocrítica e à poesia de Darcy França Denófrio, Maria Zaira fala da volta do homem moderno ao imaginário, neste momento de crise material e espiritual, em que o retorno do homem a suas origens adquire cada vez mais força. Só o poeta, que se deixa guiar pela intuição, pode vislumbrar, por detrás dos dados objetivos da realidade, a dimensão poética das coisas, “invisíveis aos olhos e misteriosas para a razão.” O texto de Maria Zaira oferece uma análise zelosa e pulsante da poeta, ressaltando o domínio técnico da linguagem inspirada de Darcy França, que apresenta ao leitor a prodigiosa realidade do cosmos, da vida e dos objetos que nos cercam. Revestidos de força simbólica, os elementos da poesia de Darcy assinalam, segundo Maria Zaira, os ciclos contínuos da vida e da morte.

Em “Narciso em Dora Ferreira da Silva: autoconhecimento e morte”, Priscilla da Silva Rocha estuda, à luz da história mítica de Narciso, o poema “Narciso (II)”, que compõe o livro *Hídrias*, da escritora paulista Dora Ferreira da Silva. Ancorada nos pressupostos da teoria do imaginário desenvolvida por Gilbert Durand e na relação estabelecida por Maria Zaira Turchi entre os gêneros literários e os regimes do imaginário, a autora analisa os efeitos sedutores de Narciso no poema selecionado, que, já pelo título, reclama sua legítima filiação ao mito. Antes da análise do poema, Priscilla explora a influência maciça do mundo helênico no imaginário de Dora, impregnado da força arquetipal dos mitos e da energia simbólica dos tempos arcaicos. Em sua análise do poema, a ensaísta examina as imagens da “morte” e da “flor”, atrelando-as ao regime noturno do imaginário da teoria durandiana, e ainda discorre sobre a ligação existente entre o noturno místico e o gênero lírico, fundamentada nos estudos de Maria Zaira Turchi. A leitura do poema feita pela autora revela que Dora, ao reescrever Narciso, atualizou o mito sem travesti-lo para o mundo moderno, garantindo, assim, que o original fascínio do relato ressoasse límpido para seus leitores.

Também investigando os efeitos do complexo mítico de Narciso em “Cecília e Lorca diante do espelho: uma poética comparativa do mito de Narciso”, Soraya Borges Costa perquire as relações entre o texto poético de Federico García Lorca e de Cecília Meireles buscando aferir o modo como ambos assimilaram e transformaram o mito em seus poemas. O método comparativo e a teoria da intertextualidade amparam a exegese desenvolvida, que examina a ocorrência do mitologema no seu mitema mais representativo, isto é, no mitema do espelho, que pode desdobrar ou refratar as imagens especulares do sujeito-lírico. Dividindo a análise do corpus em dois momentos, inicialmente, a estudiosa explora a ambiguidade do reflexo e delinea o dilema de Narciso, uma vez que, como a figura mítica, o eu-lírico também recusa a alteridade do reflexo. No segundo momento, Soraya detecta a adoção de uma hermenêutica positiva do mitologema, mostrando, nos poemas examinados, que a contemplação narcísica nem sempre é danosa, podendo trazer equilíbrio ao sujeito que se busca na imagem refletida. Desse modo, seu ensaio evidencia que a atitude narcísica de pensar o mundo é comum às duas poéticas, tanto do espanhol García Lorca como da brasileira Cecília Meireles.

SOMBRAS

O ensaio de Alessandra Maria Mamere Caixeta Martins, “O sublime e o grotesco em “Bocatorta”, de Monteiro Lobato”, examina a confluência do belo com o feio, compreendidos como o sublime e o grotesco, no conto “Bocatorta”, publicado no livro *Urupês*, em 1914. Nele, a analista discute como a história se encaminha para o sobrenatural, na fronteira com o fantástico, e, apoiada nas considerações de Wolfgang Kayser, ressalta que o grotesco, contraparte do sublime, liga-se ao monstruoso e ao maligno. Analisando o arranjo desses elementos no conto, a autora esquadrinha o perfil de Bocatorta – “negro, filho de ex-escrava, vivendo em condições sub-humanas” – e os efeitos da sua aparência disforme e horripilante, sobretudo a deformação da boca, que reforçam a crença de que o feio está associado ao mal. Desse modo, explorando a simbologia bíblica maniqueísta em que o bem e o mal fatalmente se embatem, a autora mostra que a negatividade do grotesco relaciona-se à figura de Bocatorta, ao passo que a positividade do sublime liga-se ao universo cristão de Cristina e sua família. Assim, Alessandra conclui seu ensaio reafirmando o liame inconciliável entre o sublime e o grotesco, por meio dos sentidos alcançados por Lobato no conto.

Elzimar Fernanda Nunes Ribeiro, em “Imagens do grotesco no conto ‘Onde estivestes de noite’”, resgata um texto inquietante da prosa clariciana, em tudo distinto da narrativa “elevada” da autora, ainda que Clarice Lispector jamais se tenha furtado aos aspectos obscuros e tortuosos da alma humana. A obra *Onde estivestes de noite* compõe com *A via crucis do corpo* uma estética embaraçosa e tida como de “mau gosto”, que ao longo do tempo afugentou leitores e estudiosos. Leitora arguta, Elzimar Fernanda caminha pelo imaginário grotesco da narrativa clariciana, sobretudo se valendo dos aportes teóricos desenvolvidos por Wolfgang Kayser. Promovendo incursões pelas artes visuais, resgatando artistas com os quais Clarice dialoga, como Marx Ernst e Fra Angélico, e retomando, para a investigação do grotesco, as pinturas de Hieronymus Bosch (c. 1450-1516) e de Pieter Brueghel, (1525/30-1569), a autora mostra o conto “Onde estivestes de noite” como relato de uma desvairada orgia sabática comandada por um belo e pavoroso ser andrógino e acompanhada por pessoas das mais diversas posições sociais. Tais imagens, associadas à magia negra, à blasfêmia e a diversos tipos de crimes criam no conto uma atmosfera impregnada pelo Mal. Todavia, ao final de seu ensaio, a autora associa as imagens grotescas que povoam o conto clariciano a uma explosão do

inconsciente coletivo brasileiro no período da Ditadura Militar, que mantinha o país sob terror.

Em “Prisioneira de um mito: Perséfone em Dora Ferreira da Silva”, Enivalda Nunes Freitas e Souza investiga a recorrência do mitologema de Perséfone na obra da poeta paulista, esta que declarou seu apego ao mito da jovem condenada a permanecer parte do tempo na escuridão dos mundos íferos e outra parte na claridade. De fato, a hermenêutica simbólica do mito de Perséfone encerra a dualidade apaixonante do ser humano, dividido entre conhecido e desconhecido, consciente e inconsciente, sombras e luz, noite e dia, vida e morte, provisório e eterno. Enfim, como diz Dora, o homem está exilado entre dois reinos. Há um princípio maior, no seio da consciência, que arrasta o homem para o ignorado, impulsionando-o para as trevas, as duras provas, os estágios sofridos. Desposada por Hades, Perséfone viverá parte de sua vida com o marido e outra parte com a mãe, em ciclos alternados. Essa condição especial de Perséfone levou Jung a elaborar a teoria do complexo materno. Seguindo os caminhos da crítica do imaginário, que considera os relatos míticos como extratos do inconsciente, a ensaísta resgata a ideia de que, tal como Perséfone, é preciso, após o estágio nos mundos íferos, caminhar em direção à luz e integrar a sombra. Numa linguagem junguiana, isso significa integrar as contradições, o inconsciente – o “não-eu” – com o consciente – o “eu”. Assim posto, o mito de Perséfone traduz a epifania do desconhecido, o mundo das sombras em consórcio com as atividades conscientes.

Em “Sob o signo da violência”, a pesquisadora Irley Machado, especialista em García Lorca, analisa a violência na obra *A casa de Bernarda Alba*, desse autor, associando a violência à crise sacrificial. Valendo-se da teoria de René Girard, a autora considera esta forma de sacrifício como uma expressão intrínseca da sociedade, no momento em que o dramaturgo escreve sua obra. Em sintonia com o pensador francês, o sacrifício vivido em *A casa de Bernarda Alba* é mostrado como necessário para manter o equilíbrio dessa sociedade. O personagem central da obra, Bernarda, exerce um poder patriarcal sobre as filhas, e sua ação castra toda possibilidade de realização erótica das jovens. Cruel, impiedosa, adotando padrões masculinos de dominação, sua ação conduz à tragédia inevitável e à morte de sua filha caçula. Por meio da análise de imagens simbólicas, como o traje negro, o sol abrasador, o fogo, o touro, a lua, o punhal, a bengala, a ensaísta investiga a relação que se estabelece

entre os personagens, relação marcada por paixões e violência. Esses e demais símbolos são emblemáticos não só da cultura arcaica espanhola, mas também de uma força misteriosa arquetípica. Por fim, a autora correlaciona o enredo opressivo da peça ao próprio sofrimento vivido pelo dramaturgo, uma vez que ele também foi vítima da violência daquele momento histórico.

Na sequência, “Frestas de sombra e de luz nas memórias do judeu Stefan Zweig” é o ensaio de Kenia Maria de Almeida Pereira, onde ela se debruça sobre a memória das atrocidades do holocausto de Stefan Zweig, mais exatamente sobre seu livro *O mundo que eu vi: minhas memórias*, publicado no Brasil em 1942, curiosamente no ano da sua morte. Nesse livro, de acordo com a ensaísta, o judeu-austriaco acentua o travo amargo da tragédia enfrentada por toda a comunidade judaica e, ao relatar sua existência atribulada por “ter sido testemunha das atrocidades da I e da II Guerras Mundiais”, surge como “porta-voz de uma geração inteira”. Centrada na pungência desse corpus, Kenia extrai pertinentes reflexões políticas e filosóficas sobre as contradições do pensamento nazifascista em sua perversa ideologia de raça pura. A autora destaca o período em que esteve o escritor no Brasil, para onde veio em 1939, para fugir das perseguições aos judeus. E, embora Zweig considerasse o Brasil um “paraíso na terra, ilha da fantasia, país do futuro”, aqui, premido por tormentos depressivos, ele acaba por sucumbir, em 1942, suicidando-se em Petrópolis. O ensaio da estudiosa é, portanto, um tácito convite para que mergulhemos na leitura emblemática das memórias de Stefan Zweig, não só por elas trazerem à baila a lembrança cruel de um passado vivo, mas, sobretudo, por testemunharem a desonra que o homem foi capaz de cometer contra todo um povo, seus iguais e semelhantes.

O ensaio “Metrópole/necrópole: a cidade alegórica de Augusto dos Anjos”, de Maria Esther Maciel, aborda a poesia controversa do livro *Eu*, de Augusto dos Anjos, lançado em 1912, no qual sobreleva a tendência do poeta “em necropsiar a realidade circundante”, explicitando a decadência da cidade, sobretudo “a sua dimensão de necrópole”. Segundo os lúcidos apontamentos da ensaísta, as peças desse livro enfatizam uma estética da decomposição, orientada pela exploração de aspectos escatológicos e pela elaboração de uma linguagem áspera e corrosiva. Desse modo, em *Eu*, o poeta envereda na contramão da tradição poética do período, uma vez que sua predileção era cantar o horrível, “pela via alegórica das ruínas e da putrefação”. Esmiuçando a “leitura mórbida do cenário urbano” que o poeta faz do contexto carioca, Maciel contrapõe seu “olhar necrológico” da cidade ao “conceito moderno

de ‘metrópole’” chancelado pela sociedade positivista de então, que tinha o Rio de Janeiro como modelo de progresso. Ao examinar alguns excertos dos poemas, Maciel demonstra ainda que a cidade de Augusto dos Anjos é erigida em “fragmentos figurativos”, que formam uma imagem incompleta, daí seu caráter alegórico que vai redundar sempre na morte. Desta forma, o poeta faz uma espécie de “antilírica da cidade morta”.

Vera Maria Tietzmann Silva, em “As faces do medo nos contos de Lygia Fagundes Telles”, elucida os múltiplos aspectos do medo nos contos da escritora paulistana Lygia Fagundes Telles. Na primeira parte de sua percuciente análise, a autora discorre sobre o fascínio exercido pelo medo, “sentimento atávico” sempre a rondar a experiência humana. Repercutindo o fascínio pelo medo na ficção de Lygia, observa-se o consórcio entre magia e ciência, tradição e modernidade. Na segunda parte, a ensaísta investiga o medo na ficção da contista paulistana, mostrando suas múltiplas configurações. Ocultas no passado ou no futuro, as variantes do medo são deslindadas pela pesquisadora em vários contos de Lygia, abrangendo o exame da morte, paroxismo dos fantasmas que sobressaltam o homem. Na terceira parte do ensaio, a autora analisa as confluências entre Edgar Allan Poe e Lygia Fagundes Telles, demonstrando o quanto a ficção da paulistana seguiu os preceitos do contista americano como a “teoria do efeito único” e a subordinação do leitor aos ditames do narrador. Na quarta parte, Tietzmann Silva explora a inquietação gerada pelos anões, que, por apresentarem distorções, figuram imagens do grotesco na ficção de Lygia. A ensaísta observa que os anões podem ser predominantemente tipos ou ainda ser humanizados. Por fim, na quinta e última parte, a autora relata um pouco do processo criativo de Lygia, ou seja, conta como a autora, segundo seu próprio depoimento, passou de ouvinte medrosa a narradora de histórias de terror. Feitas as apresentações dos ensaios que compõem este livro, resta desejar que a leitura seja enriquecedora como foi o processo de sua organização. Retesando o arco da nossa frágil humanidade, que a experiência de ler continue agregando saberes e modos, revigorando sonhos e ideais, inaugurando mundos e domínios. Mas, sobretudo, reinventando arquétipos e mitos, que a leitura continue a nutrir o circuito infinito das criações do imaginário de todos os homens, esbatendo as sombras e os reflexos da sua morada psíquica.